

SIMPÓS

SUL

II Simpósio de Pós-Graduação do Sul do Brasil

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA: 200 ANOS DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO BRASIL

“JABURU MALANDRO”: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Nara Dalagnól Borcioni
Universidade de Passo Fundo
naradalagnol@gmail.com

Eixo 08: Linguística, Letras e Artes

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar como a protagonista da narrativa “Jaburu Malandro”, de Mário de Andrade, foi construída. Desse modo, o estudo parte dos seguintes questionamentos: 1) como o feminino, *in casu*, protagonista, é apresentada?; 2) em que contexto a narrativa é escrita?; 3) quais elementos externos à obra ressoam na construção do conto? Para tanto, acionamos o conceito de relação dialógica, de Mikhail Bakhtin, para verificar como outros discursos ressoam no de Mário de Andrade, produzindo sentidos. Ademais, Antônio Candido fornecerá suporte teórico que permitirá observar como os elementos externos à produção literária compõem internamente a formação do conto produzindo sentido.

Palavras-chave: Mário de Andrade. Mikhail Bakhtin. Antônio Candido.

Introdução

O presente trabalho possui como temática a construção do feminino em conto de Mário de Andrade. Dessa forma, objetivamos analisar como a protagonista do conto “Jaburu Malandro”, de Mário de Andrade, foi construída. Nesse sentido, o estudo parte dos seguintes questionamentos: 1) como o feminino, *in casu*, protagonista, é apresentado?; 2) em que contexto a narrativa é escrita?; 3) quais elementos externos à obra (contexto social) ressoam na construção?

Para tanto, acionamos diferentes áreas do conhecimento com intuito de analisar a construção da narrativa e atingir a meta estabelecida. Assim, a obra *Literatura e sociedade*:

estudos de teoria e história literária, de Antônio Candido (2010), fornecerá a base para observarmos como os aspectos externos à obra integram a produção, bem como se tornam parte integrante da construção da narrativa e produtora de sentido. A noção de relação dialógica propostas por Bakhtin e entendida como as diferentes vozes que ecoam e geram sentido na construção discursiva, possibilitará verificar como ocorre a construção de sentido do discurso literário.

“Jaburu Malandro”: o conto em análise

O conto “Jaburu Malandro” (1924) compõe a obra *Os Contos de Belazarte*, a qual contém mais seis narrativas: “O besouro e a Rosa” (1923), “Caim, Caim, e o resto” (1924), “Menina do olho no fundo” (1925), “Nízia Figueira, sua criada” (1925), “Túmulo, túmulo, túmulo” (1926) e “Piá não sofre? Sofre.” (1926).

Em “Jaburu Malandro”, o narrador conta a história de Carmela, personagem descrita da seguinte forma:

Era moça bonita [...] nos dezenove, que gostosura! Forte, um pouco baixa, beijos tão repartidinhos no centro, um trevo encarnado! Cabelo mais preto nem de brasileira! Porém o sublime era a pele, com todos os cambiantes do rosado, desde o róseo azul do queixo com as veinhas de cá pra lá sapecas, até o rubro esplendor ao lado dos olhos, querendo extravasar pela fronte nos dias de verão brabo. Filha de italiano já se sabe...

Mas Carmela não tinha a ciência das outras moças italianas daqui. Pudera, as outras saíam todo santo dia, freqüentavam as oficinas de costura, as mais humildes estavam nos curtumes, na fiação, que acontecia? Se acostumavam com a vida. (ANDRADE, 2013, n.p.)

Carmela apresenta aspectos físicos (um pouco baixa, lábios divididos, cabelo preto, pele sublime) que expõe uma personagem em relação dialógica com as dos contos infantis, em especial, como a protagonista de “Chapeuzinho Vermelho”, de Perrault, definida como “a mais bonita que se podia ver” (PERRAULT, 2012, p.37). Nesse sentido, observamos que as protagonistas são belas, despertam o olhar e a atenção do outro.

Ainda, a inocência, a ingenuidade, é traço constitutivo de Carmela e de Chapeuzinho Vermelho, porquanto a primeira desconhecia aspectos que compõe a vida de uma menina/mulher – “não tinha a ciência das outras moças italianas” (ANDRADE, 2013, N. P.) – e Chapeuzinho Vermelho também é punida (devorada pelo lobo) por não saber como lidar com o outro, ou, conforme exposto na lição da narrativa “as mocinhas, gentis, bem-feitas,

bonitinhas, fazem mal em ouvir qualquer tipo de gente” (PERRAULT, 2012, p.39). Logo, identificamos uma proximidade discursiva em relação dialógica entre as duas narrativas.

A descrição da personagem Carmela (moça bonita, tipo italiana, das que envelhecem cedo, engordam, ficam chatas e enjoadas) possibilita uma leitura que envolve o momento presente e o futuro da protagonista. Em outras palavras, naquele momento, ela era mulher bonita, que despertaria nos homens o desejo de casar, mas as projeções sobre sua aparência deveriam ser consideradas, visto que os aspectos sofreriam modificações.

Ainda, a construção do feminino volta-se para um modelo de mulher-objeto, porquanto as qualidades relacionam-se à aparência: “nos dezenove, que gostosura forte! Forte, um pouco baixa” (ANDRADE, 2013, n.p.). Desse modo, Carmela não poderia ser comparada às mulheres da época, uma vez que não saía de casa; não desempenhava atividades laborais como outras, pois o pai possuía dinheiro para sustentá-la: “Mas Carmela não tinha ciências das moças italianas daqui. Pudera, as outras saíam todo o santo dia” (ANDRADE, 2013, n.p.), bem como ela não conhecia aspectos grotescos referentes às relações interpessoais: “[f]icavam sabendo de tudo e até segregavam imoralidades umas pras outras” (ANDRADE, 2013, n.p.). Nessa linha, o narrador constrói a figura de uma personagem feminina que está afastada da sociedade, logo, inocente, não consegue ou não pode se inserir no espaço social: “Carmela, sequestrada assim da vida, apesar de ter uma vida em ascendência que a fazia dona em casa, possuía coração que não sabia de nada” (ANDRADE, 2013, n.p.).

A escolha do espaço de desenvolvimento da narrativa é fundamental para sustentar a tese de que a personagem era inocente, seguia as orientações propostas por sua família e jamais teria ações inapropriadas ou contrárias à lógica patriarcal, bem como se diferenciava das outras mulheres, conforme observamos em: “as outras saíam todo santo dia, frequentavam as oficinas de costura, as mais humildes estavam nos curtumes [...] Carmela não” (ANDRADE, 2013, n.p.). Assim, na narrativa o espaço em sentido amplo refere-se ao bairro da Lapa, especificamente, os acontecimentos narrados decorrem dentro do espaço familiar: “Quaglia recebeu Almeida em casa mas muito bem (ANDRADE, 2013, n.p.); Carmela “saltou da cama” (ANDRADE, 2013, n.p.); “Cerca? era lugar aonde Carmela não chegava desde quarta-feira” (ANDRADE, 2013, n.p.); “Soluçava gritando, querendo sair pra rua, chamando Meidinha. [...] Pietro andava fechando porta, fechando quanto janela encontrava, pra ninguém de fora ouvir” (ANDRADE, 2013, n.p.).

Escolher esse local para a narrativa produz sentido, pois, de acordo com o *Dicionário de Símbolos*, a casa está relacionada ao “símbolo do feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p.197). Logo, o lugar permite que Carmela tenha proteção, refúgio, para esconder o envolvimento proibido com um homem. Em outras palavras, mascarava o envolvimento amoroso, proibido, e acreditava que tal fato não seria descoberto.

A construção inicial da figura feminina é proposta no sentido de destacar uma mulher inocente e que, portanto, não conheceria as maldades apresentadas pelo mundo. Porém, tal imagem é desconstruída, pelo narrador, quando afirma:

os beijos grandes, os beijos engolidos, era a diabinha que dava. Ele se deixava enlambuzar. Mestre e discípulo, não? Aquela inocentinha que não trabalhava nas fábricas, quem que havia de dizer!... Eis a inocência no que dá: não vê que a moça aprendida trocava o João pelo Homem Cobra” (AMDRADE, 2013, n. p.).

Assim, o efeito de sentido construído pelas marcas *diabinha*, *mestra*, *discípulo*, *inocentinha*, *não trabalhava*, *moça aprendida* reconstrói a imagem que o interlocutor tinha de Carmela, uma vez que o fato de haver proteção familiar não poupou que a personagem apresentasse atitudes inapropriadas, contrárias, ao postulado e desejado pela família.

Ainda, verificamos que a narrativa mantém relação dialógica (outras vozes que perpassam o dizer o sujeito) com a narrativa de Machado de Assis “Missa do Galo”, na qual temos a seguinte construção: “Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. [...] Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza: - Não! qual! Acordei por acordar”. Logo, a mulher acorda para que pudesse conversar, mas dissimula que o despertar não havia sido motivado. Já em “Jaburu Malandro”, temos uma personagem que estava deitada, mas que se levanta e vai até o homem que chama sua atenção. O sentido que pode ser construído para essa relação volta-se para as “pretensões” da personagem (Carmela), que propositalmente acorda e encontra-se com homem que pretendia iniciar um relacionamento, por isso a afirmação de que acordou e foi vê-lo.

O interesse do Homem Cobra não é constituir família, portanto, optar por fugir, não concretiza o desejo de Carmela. Dessa forma, sem ter conseguido a manipulação necessária para o casamento, Carmela desespera-se, seu desejo pelo Homem Cobra acaba sendo descoberto, o que faz com que a protagonista seja sancionada pelo pai (surra). A ruptura marca uma quebra das normativas propostas pela sociedade patriarcal, uma vez que a filha se

envolveu em um relacionamento não desejado pela família, desencadeando um processo de desprezo.

Ressaltamos que Carmela demonstra seu desejo em casar-se com Almeida, o Homem Cobra. Assim, para compreendermos a construção dessa personagem, podemos pensar o sentido produzido pela escolha da carga semântica de Cobra (referência à serpente) que, segundo o *Dicionário de Símbolos*, “[h]omem e Serpente são opostos, completos, *Rivais*.. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 814. Grifo do autor), bem como a serpente aparece para “cuspir morte ou vida antes de retornar ao invisível” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 814).

Pelas considerações presentes no *Dicionário de Símbolos*, notamos que aquele que despertou o interesse de Carmela foi definido como Homem Cobra, isso é, aquele que possui características “frias” e em processo de evolução, que se diferencia do homem, o qual passou pelo processo de transformação. Lembramos que o título do conto apresenta uma função importante que une o conto: “Jaburu Malandro” é aquele que adentra a sociedade, no caso instituição familiar, desestabiliza, promovendo alterações, mas que por razões relacionados, talvez ao seu pseudônimo Cobra, de modo sutil afastasse deixando apenas seu rastro. Pensando nas questões relacionadas ao pássaro jaburu, devemos considerar que “o pássaro opõe-se à serpente, como símbolo do mundo celeste ao do mundo terrestre” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p.687).

Desse modo, consideramos que ao mesmo tempo em que Almeida é definido como Homem Cobra (aquele que adentra de modo frio, para “matar” o desconhecido (não-saber de Carmela sobre a vida adulta), por proporcionar a passagem do não saber para o saber em Carmela (desperta a sexualidade), ele também é um pássaro (elemento relacionado ao mundo celeste) que malandramente adentra a vida para desestabilizar e apresentar os aspectos da vida que foram negados pela família. Desse modo, temos uma figura masculina que instala o conflito no conto “Jaburu Malandro”.

Considerações Finais

O presente trabalho possuiu como temática a construção do feminino em conto de Mario de Andrade. Dessa forma, analisamos como a protagonista do conto “Jaburu Malandro”, de Mário de Andrade, foi construída. Assim, com relação ao modo como protagonista foi apresentada, verificamos que Carmela, filha de pais descendentes de

italianos, foi protegida, cuidada. Ainda, a figura patriarcal não permitia que a filha tivesse contato com elementos do social, como: trabalho em fábricas, passeios noturnos, convivência com amigas, provocando, com o isolamento, a potencialização da inocência da protagonista, que rejeita um pretendente para tentar conquistar seu amor de modo secreto e proibido, envolve-se.

Por fim, a figura feminina presente no conto “Jaburu Malandro” é construída ao longo da narrativa como aquela que, inocente, se envolve com o elemento masculino. Entretanto, rejeitada, abandonada, pelo amado, desesperasse, é sancionada pelo pai (surra) e pela sociedade (os homens, sabendo que ela havia envolvido com outro, não manifestam o desejo de casar-se com Carmela).

Referências

AMDRADE, Mário de. Jaburu Malandro. In: ANDRADE, Mário de. *Contos de Belazartes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. Disponível em: < <https://lelivros.love/book/download-os-contos-de-belazarte-mario-de-andrade-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em 28 julho 2022.

ASSIS, Machado. *Missa do galo*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000223.pdf>>. Acesso em 28 julho 2022.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da Criação Verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015a.

_____. *Teoria do romance I: A estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2015b.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 11ª edição. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul. 2010.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Jean Chevalier, Alain Gheerbrant com a colaboração de André Barbault... [et.al]. Coordenação Carlos Sussekind. Tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. 27ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

PERRAULT, Charles. *Contos da Mamãe Gansa*. Tradução de *Contes de ma Mère l'Oye* POR Ivone C. Benedetti. Porto Alegre: L&PM, 2012.